

## Composição Diagnóstica: possibilidades e reflexões em um caso do PIBID-

### Música/UFPeI

### Comunicação

### GTE08 – Educação Musical na Infância

*Giuliana Perleberg Göcks*  
Universidade Federal de Pelotas  
gocksgiuliana@gmail.com

*Felipe da Silva Martins*  
Universidade Federal de Pelotas  
felipedasmartins@gmail.com

**Resumo:** Este ensaio se coloca a refletir sobre a pesquisa diagnóstica realizada na Escola Municipal Nossa Senhora de Lourdes (Pelotas/RS), envolvendo crianças do Pré ao 5º ano, por meio de metodologias que integrassem o brincar, a escuta e a música, no âmbito do subprojeto PIBID-Música/UFPeI, que tem como foco a articulação entre a educação musical e o contexto da escola pública, propondo uma abordagem sensível no processo de formação docente em música. A investigação assumiu como princípio ético a valorização das culturas da infância (Sarmiento, 2004; Madalozzo, 2021), optando por estratégias lúdicas como a composição de uma canção associada ao uso de uma bola para mediar a coleta de dados, promovendo um ambiente afetivo e dialógico. O trabalho se destacou pela valorização do fazer docente como um fazer investigativo, aliando observação prática, escuta atenta e engajamento estético no cotidiano escolar. Os principais resultados evidenciam que é possível realizar pesquisa com crianças de forma ética e sensível, compreendendo-as como sujeitos de saber e ação. A experiência contribuiu diretamente na formação dos pibidianos em práticas investigativas inovadoras e reafirmou a potência da música como linguagem articuladora entre infância, ensino e pesquisa.

**Palavras-chave:** PIBID; Infância; Educação Básica.

## Introdução

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) tem como finalidade preparar os alunos de Licenciatura para atuarem no ensino básico, abrindo caminhos para o desenvolvimento discente em sala de aula. Neste momento contamos no subprojeto Música na UFPeI com vinte quatro pibidianos refletindo dia a dia o processo de se tornar futuros professores a partir de experiências reais.

Ao entrar no PIBID, os alunos da Licenciatura em música da UFPel entram em contato com a realidade do docente e da escola, o que traz experiências que, talvez, sem o projeto, a universidade não ofereceria. Este contato direto com a realidade escolar, neste caso, é sempre mediado pelos supervisores, educadores musicais que atuam na rede municipal de ensino e que também fazem parte do PIBID-Música/UFPel.

Os pibidianos são separados por grupos de escolas, onde cada qual está sendo supervisionado por professores atuantes na rede. A escola de onde estamos trabalhando e pesquisando é a Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Lourdes, no bairro Fragata em Pelotas/RS, com supervisão de uma professora de música que atua a mais de vinte anos na educação musical com crianças nesta mesma escola.

A escola Nossa Senhora de Lourdes atende parte da Educação Infantil e todo o Ensino Fundamental. Entretanto, como a supervisora do PIBID na escola trabalha somente com as turmas do Pré até o 5º ano, os pibidianos estão atuando somente com estas turmas, participando de um processo de diagnóstico, observação prática e se inserindo no cotidiano da escola.

Tomamos como objetivo neste ensaio propor algumas reflexões sobre uma pesquisa-diagnóstica, realizada com as crianças. Esta foi uma das primeiras ações do PIBID-Música/UFPel como alternativa de se aproximar do contexto escolar, pois, neste sentido, entendemos como primordial também compreender como as crianças percebiam a escola, as aulas de música e todo o trabalho que poderia ser pensado com elas.

Aqui, assumimos como pesquisa-diagnóstica a proposta investigativa que tem como principal foco uma compreensão ampla do contexto a ser trabalhado, que também pode ser compreendida como uma pesquisa descritiva (Sakamoto; Silveira, 2014), onde o a partir dos objetivos que se pretende, traça-se uma abordagem metodológica que, neste caso, “busca descrever o objeto de estudo para dar a conhecer o que se pretende pesquisar; o conhecimento é fruto da observação e detalhada apresentação de elementos pertinentes ao observado”(Sakamoto; Silveira, 2014, p. 37). Mesmo que não se coloque necessariamente como um projeto de pesquisa em si, nossa ação não se distancia dos preceitos éticos e metodológicos que perpassam o campo científico.

A pesquisa diagnóstica, então, se coloca como possibilidade de compreender as percepções dos sujeitos envolvidos, no caso as crianças, para além de nossas concepções pessoais sobre a temática. Aqui, cabe perguntar e estar aberto às respostas, tencionando a construção das práticas a seguir a partir dos dados coletados neste processo.

Ao nos depararmos com o desafio de fazer pesquisa com crianças nos colocamos a pensar alternativas, pois “não basta aprender o que tem de se dizer em todos os casos sobre um objeto, mas também como devemos falar dele. Temos sempre de começar por aprender o método de o abordar” (Wittgenstein, 2008, p. 61). Assim já começamos desmistificando o lugar das crianças de “objeto de pesquisa” e assumindo um lugar mais permissivo que os percebe como parceiros de pesquisa, nos fazendo então refletir: como podemos fazer pesquisa com crianças nas escolas?

### **As infâncias: possibilidades e agenciamentos**

Algumas balizas se fazem necessárias, não como verdades absolutas, mas como uma forma de construir uma condução narrativa. Definir o que é infância, ou mesmo criança é uma tarefa difícil, e de fato não é o principal objetivo que nos impele, mas julgamos importante reconhecer que a idade cronológica acaba não sendo o suficiente para esta caracterização, sendo necessário uma compreensão biopsicossocial (Sarmiento, 2013) do termo como um conceito contemporâneo e ocidental (Lins et al., 2014), que vai além do período entre o nascimento e puberdade.

A infância, como já dito, não deve ser limitada a idade e ou mesmo a experiência escolar. Esta é um momento de desenvolvimentos múltiplos que operam em todos os espaços onde o sujeito se relaciona,

[...] tomada como categoria estrutural da sociedade na medida em que as crianças são indivíduos históricos – portanto, são/ estão localizadas em determinado tempo/espaço, mas sempre em passagem, por meio de sua agência e atividade na construção social dos ambientes que frequentam –, enquanto a infância permanece sendo uma componente da cultura e da sociedade (Madalozzo, 2021, p. 46).

A infância é um tempo de ampliação de conhecimento, onde tudo pode ser sempre instigante e fascinante. Destacamos que ao reconhecermos a enorme gama de possibilidades

de aprendizagens na infância, reconhecemos o compromisso ético sobre o que e como lidamos com o conhecimento, neste momento singular, de formação de identidades e concepções de mundo.

A relação entre as crianças e os adultos precisa também ser tomada com certa atenção. Nos somamos na defesa da compreensão das culturas das infâncias (Sarmiento, 2004), que colocam um papel agenciador também para a figura das crianças. Isso não exime o lugar de referência do adulto, apenas ressignifica as lógicas envolvidas nesta relação.

Os adultos, sejam eles, os familiares, ou neste contexto em que analisamos, os professores, são figuras de referência, mas no contexto das culturas das infâncias, não somente. Percebemos que as crianças se relacionam e constroem relação entre seus pares que também se organizam como referências e reconhecer isso é também destacar os espaços de autonomia e formação do sujeito de forma ampla em todas as suas relações.

A música, compreendida como forma de organização e expressão humana se coloca aqui também como meio e fim para percebermos as relações intrínsecas das culturas das infâncias, assim acreditamos que seja necessário ampliar o olhar,

[...] para o pressuposto de que a música tem papel essencial na educação e na significação do mundo pelo “corpo criança”, o que justifica a necessidade de um olhar atento para a maneira como a música se faz presente nas culturas da infância (Madalozzo, 2021, p. 47).

Amparados por estas perspectivas, ao nos depararmos com a necessidade de construir um diagnóstico sobre a escola de atuação no PIBID-Música/UFPel, prontamente fomos inquietados a buscar alternativas que reconhecessem o protagonismo da música e das infâncias no e para o processo da pesquisa. Destacamos que o inovador talvez não seja o produto em si, mas o processo, possibilitado que graduandos já nos primeiros semestres da graduação se colocassem em contato com o fazer científico de maneira engajada e ética no campo das infâncias e da educação musical.

### **A pesquisa em música**

O campo da pesquisa em música tem se diversificado a cada dia (Queiroz, 2020), reconhecendo as singularidades do processo de pesquisa com seres humanos e mais ainda com a Arte em si. Ao adentrarmos a escola, mesmo em um contexto que o principal foco esteja

nos processos de ensino, é impossível à nossa perspectiva ignorar as contribuições da música e da pesquisa em Arte.

Buscamos desde o princípio pensar uma alternativa para uma pesquisa diagnóstica que envolvesse o fazer musical das crianças. Assumimos, assim, o compromisso de tornar a pesquisa parte da aula de música, e ao mesmo tempo, a aula de música como parte da pesquisa.

Esta perspectiva soma-se na compreensão do fazer do docente também como um fazer do pesquisador (Marangon, 2018), duas proposições que têm funções distintas, mas que se retroalimentam cotidianamente. Assim, o PIBID como programa de iniciação à docência amplia a própria concepção do trabalho docente como também um trabalho investigativo com rigor e ética, amparados na construção do conhecimento.

Como muitos dos pibidianos estão no início da graduação, está pergunta se colocou como uma tarefa de difícil resposta, uma vez que moldes de ensino eurocentrismo costumam orientar a segmentação de conceitos (a pesquisa, a música, a educação); neste sentido, a nossa percepção é de que as infâncias se colocam como um conceito ainda mais à margem.

Isso nos fez pensar em qual seria o papel do professor de música? Como fazer algo musical para realizar um questionário com várias perguntas? Como lidar com o tempo curto de aula? E principalmente, seria possível garantir algum espaço de neutralidade nas respostas dos alunos?

A aplicação de questionários e realização de entrevistas é bastante comum na área de música (Queiroz, 2013), porém, os manuais de metodologias geralmente visam fornecer meios para elaboração de perguntas e aplicação de instrumentos que extraíam respostas para essas perguntas de forma direta,

O pesquisador precisa ficar atento para fazer perguntas coerentes, claras e reveladoras do que se almeja estudar, mas, sobretudo, é fundamental, buscar a realização desse processo de forma humana e comprometida com os interesses de pessoas [os pesquisados] que nos orientem e nos ensinam ao longo de todo o processo investigativo (Queiroz, 2013, p. 13).

O rigor metodológico nos impele a buscar adequações aos instrumentos utilizados, assim como sua forma de aplicação, se atentando na construção de perguntas não-invasivas,

que não ofendam o contexto cultural dos pesquisados, bem como que todo o processo de pesquisa seja compreensível por todos<sup>1</sup>, neste caso um desafio, por se tratar de crianças,

Além do cuidado na elaboração e na aplicação dos instrumentos, outro aspecto importante a ser considerado na realização das entrevistas é a obtenção de autorização [...] do pesquisado na divulgação do trabalho, explicitando qual o uso que será feito desse material, de que forma será utilizado, em que formato será apresentado etc. (Queiroz, 2013, p. 13).

Nos colocamos a entender como, enquanto pesquisadores, poderíamos reconhecer e valorizar as respostas das crianças às perguntas, com o mínimo possível de direcionamento. Nestes momentos nos aliamos ao processo de observação prática que estávamos fazendo concomitantemente com o diagnóstico.

A atuação da educadora musical, nossa supervisora no PIBID-Música/UFPel, é pautada pelo respeito, pela afetividade e pela compreensão de um fazer musical ativo, estético e sensível. Durante os primeiros meses do ano de 2025 acompanhamos as aulas da supervisora como observadores, que quando necessário, atuavam de forma prática para auxiliar as aulas, o que nos permitiu ir percebendo uma forma e um método que diretamente contribuía para a educação musical daquelas crianças.

A música neste contexto se coloca como parte de um “[...] sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas” (Rancière, 2009, p. 15), como a forma canção já faz parte do cotidiano das aulas de música, a supervisora do PIBID-Música/UFPel propôs aos pibidianos a criação de uma composição, especificamente para o processo da pesquisa diagnóstica<sup>2</sup>.

A letra, sendo direta, foi pensada para que os alunos compreendessem enquanto brincavam, a melodia, propositalmente tem um arco melódico cantante que, em conjunto com a letra, nos pareceu remeter a um padrão de outras canções do dia a dia das crianças, com a construção em um número par de compassos organizados em frases.

---

<sup>1</sup> Elaboramos o TCLE que foi enviado aos responsáveis, bem como o Termo de Assentimento que foi lido e explicado para as crianças, sendo registrado por vídeo o aceite ou não para a participação da pesquisa.

<sup>2</sup> A canção disponível em: <https://youtu.be/LAJod7D0y74> (Göcks, 2025)

Figura 1: Partitura da canção "Onde a bola parar"

**Onde a bola parar - com pergunta**  
Giuliana Perleberg Göcks

Part  $\text{♩} = 110$   
C G<sup>7</sup> C G<sup>7</sup> C  
On-de a bo-la pa - rar vai ser pra quem vou per-gun - tar pa -

Pt. 9 Dm C Dm G<sup>7</sup> C  
rou com vo - cê? Pa - rou com vo - cê? E a - go-ra eu vou res-pon - der! Pa - rou!

Pt. 17  
x x x x x x x x x x x x x x x x x x  
como vo-cê se sente naes cola?

Fonte: PIBID-Música/UFPel.

A canção, neste contexto, se coloca como meio para uma brincadeira onde as questões propriamente ditas do diagnóstico foram acrescentadas. Esse olhar para um fazer musical brincante se coloca aqui como uma das possibilidades de consideração das culturas das infâncias, pois “a essência do brincar não é um ‘fazer como se’, mas um ‘fazer sempre de novo’, transformação da experiência mais comovente em hábito” (Benjamin, 2009, p. 102). O brinquedo, mais do que uma forma de divertimento, é também uma forma de expressão e organização interna das infâncias como culturas em si.

Como parte da estratégia de aproximação do contexto brincante da infância, a canção toma a utilização de uma bola como elemento de conexão entre o movimento corporal e a letra da canção. Esta prática é comum em várias outras brincadeiras infantis o que torna toda a proposta mais próxima das crianças, uma qualificadora alternativa de alinhar a pesquisa e a brincadeira.

Passando a bola de mão em mão, no pulso estabelecido pela professora, as crianças se colocaram atentas à letra, pois em um determinado momento, de acordo com a canção, quem estivesse com a bola responderia a uma pergunta elaborada pelos pibidianos. As próprias

crianças chamaram a atividade de jogo, e se colocaram a brincar e brincar com todos os envolvidos.

## Conclusão

Ao longo deste artigo, refletimos sobre a complexidade e a potência de articular a infância, a pesquisa, brincar e a música como eixos aglutinadores em contextos escolares. O subprojeto PIBID-Música/UFPEL permitiu a construção de uma proposta investigativa sensível às especificidades das crianças e de suas culturas, oferecendo aos licenciandos um campo de experimentação ético e formativo. A partir da experiência na Escola Nossa Senhora de Lourdes, foi possível vivenciar uma pedagogia da escuta, na qual as crianças não foram reduzidas a objetos de pesquisa, mas reconhecidas como sujeitos ativos de conhecimento.

Colocar atenção na fala das infâncias mais do que objetivamente coletar suas respostas é buscar compreender a forma como estas verdades se constituem em seu contexto particular. Neste lugar as respostas das crianças constroem o sentido de realidade por elas experienciadas.

Aqui, percebemos que o contexto do brincar perpassa e constitui grande parte das relações das crianças, assim, a composição musical foi pensada por uma adulta que se coloca a adentrar neste contexto. Assumimos o risco de reencontrar com as nossas infâncias, propondo então uma canção que se torna brincadeira, ou pela própria percepção das crianças, uma brincadeira que se torna canção. A música é então brincadeira, é também pesquisa, é também arte, uma forma plural de perceber as diversas possibilidades do trabalho estético e sensível de um educador musical.

Reconhecemos que mesmo no campo da pesquisa em educação musical, essa possibilidade metodológica poderia contribuir diretamente para a área, que ainda apresenta dificuldades em realizar pesquisas com crianças. Ao concatenar música, pesquisa e o brincar aproximamos diferentes mundos, o dos adultos e o das infâncias, o da universidade e o da escola, como possibilidades de coexistência. Tomamos este caminhar também como operacionalização do respeito ético com os sujeitos, as infâncias, envolvidas na pesquisa em música

As infâncias, enquanto conceito, foi tratada como categoria estrutural da sociedade, não limitada à idade ou à escolaridade, mas como um campo simbólico e relacional onde ocorrem múltiplos desenvolvimentos. Compreender as culturas das infâncias, como propõe Sarmiento (2004), nos levou a observar que as crianças constroem sentidos a partir de suas próprias referências, que não são meramente reflexos do mundo adulto. Nesse sentido, a pesquisa se desenhou como um processo dialógico, em que a escuta e a mediação foram fundamentais.

Ao incorporar o brincar como metodologia de pesquisa, ressignificamos as práticas tradicionais de coleta de dados. O jogo musical com a bola e a canção diagnóstica se tornaram estratégias de engajamento que promoveram não apenas respostas, mas encontros, afetos e expressões singulares das crianças. O brincar, nesse contexto, foi entendido como linguagem legítima das infâncias, conforme nos ensina Benjamin (2009), capaz de articular saberes e modos de estar no mundo.

A música, por sua vez, atravessou todo o processo como linguagem estética e sensível. Ela não apenas ambientou a atividade, mas foi o próprio meio pelo qual a pesquisa se realizou. Como destacou Madalozzo (2021), a música se apresenta como eixo estruturante da cultura das infâncias, revelando formas de percepção, organização e produção de sentidos que escapam aos métodos rígidos da pesquisa positivista. Nesse processo, os pibidianos aprenderam que pesquisar com crianças exige escuta, afeto e flexibilidade.

Além disso, a pesquisa assumiu um duplo papel: formativo para os licenciandos e revelador de práticas pedagógicas possíveis e inovadoras no contexto da escola pública. O contato com a supervisora, com sua longa experiência na educação musical infantil, foi fundamental para a construção de um ambiente ético, estético e acolhedor. Os futuros professores foram introduzidos, desde os primeiros semestres, à ideia de que ensinar é também pesquisar, investigar e criar.

O diálogo entre os saberes acadêmicos e os saberes escolares permitiu pensar novas formas de atuação docente, nas quais a música e o brincar não são meros instrumentos, mas modos de ser e fazer educação. A investigação diagnóstica deixou de ser apenas uma etapa formal e passou a ser vivida como prática pedagógica em si, articulando o que há de mais essencial na docência: a capacidade de escutar, mediar e transformar.

Por fim, afirmamos que experiências como esta devem ser incentivadas, pois aproximam universidade e escola, formação e prática, ciência e arte. Ao aglutinar infância, pesquisa, brincar e música, abrimos caminho para uma educação mais sensível, inclusiva e comprometida com os sujeitos que a compõem. Trata-se de reconhecer que a docência, quando aliada à pesquisa, é capaz de produzir conhecimento relevante e transformador, especialmente quando escuta as infâncias como fonte legítima de saber.

## Referências

BENJAMIN, Walter. Brinquedos e jogos: Observações marginais sobre uma obra monumental. In: *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Espírito crítico. 2. ed ed. São Paulo: Ed. 34 [u.a.], 2009. p. 95–102.

GÖCKS, Giuliana Perleberg. *Onde a bola parar*. Pelotas, 16 jul. 2025. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LAJod7D0y74>>. Acesso em: 16 jul. 2025

LINS, Samuel Lincon Bezerra *et al.* A compreensão da infância como construção sócio-histórica. *Revista CES Psicologia*, v. 7, n. 2, p. 126–137, 2014.

MADALOZZO, Tiago. *As culturas da infância na musicalização infantil: constelações em jogo* Las culturas infantiles en la educación musical: constelaciones en juego. 2021.

MARANGON, Cristiane (ORG.). Quando o professor assume a postura de pesquisador. *Revista Educação*, Revista Educação Infantil. n. 296, 2018.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Ética na pesquisa em música: definições e implicações na contemporaneidade. *Per Musi*, n. 27, p. 7–18, 13 jun. 2013.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. *Pesquisa em música no Brasil: aspectos históricos, características e desafios atuais*. Disponível em: <<https://www.luisricardoqueiroz.com/post/pesquisa-em-musica-no-brasil-aspectos-historicos-caracteristicas-e-desafios-atuais>>. Acesso em: 15 jul. 2025.

RANCIÈRE, Jacques. *A Partilha Do Sensível: Estética E Política*. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

SAKAMOTO, Cleusa Kazue; SILVEIRA, Isabel Orestes. *Como fazer projetos de iniciação científica*. São Paulo: Paulus Editora, 2014.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: *Crianças e miúdos. Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Porto: ASA, 2004. p. 9–34.

SARMENTO, Manuel Jacinto. A sociologia da infância e a sociedade contemporânea: desafios conceituais e praxeológicos. *In: A sociologia da infância e a formação de professores. Formação do professor.* Curitiba: Editora Universitária Champagnat, 2013.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Anotações Sobre as Cores.* [S.l.]: Editora da Unicamp, 2008.